

## AS FORMAS DE EXPRESSÃO NA “LÍNGUA” AFRICANA DO CAFUNDÓ\*

Carlos Vogt  
Peter Fry

O Cafundó é um bairro rural situado no município de Salto de Pirapora. Está a doze quilômetros dessa cidade, a trinta de Sorocaba e a não mais de cento e cinquenta quilômetros de São Paulo. Sua população, predominantemente negra, divide-se em duas parentelas: a dos Almeida Caetano e a dos Pires Pedroso (1). Cerca de oitenta pessoas vivem no bairro. Destas, apenas nove detêm o título de proprietários legais dos 7,75 alqueires de terra que constituem a extensão do Cafundó. São, conforme voz corrente na comunidade, terras doadas a dois ancestrais escravos de seus habitantes atuais pelo antigo senhor e fazendeiro, pouco antes da Abolição, em 1888. A doação feita às duas irmãs – Ifigênia e Antônia, que estão na origem das duas parentelas – teria sido muito maior. A especulação imobiliária, a ambição dos fazendeiros circunvizinhos e a falta de documentação legal por parte de seus legítimos donos foram encolhendo a propriedade para as proporções que hoje tem. Nela, seus moradores plantam milho, feijão e mandioca principalmente. Nela, criam galinhas e porcos. Tudo em pequena escala, apenas para atender parte de suas necessidades de subsistência. Fora dela, trabalham como diaristas, bóias-frias e, às vezes, no caso das mulheres, como empregadas domésticas. Assim, participam de uma economia de mercado. Sua língua materna é o português, uma variação regional que sob muitos aspectos poderia ser identificada ao chamado dialeto caipira, tal como o apresenta, por exemplo, Amadeu Amaral (1976). Usam, além disso, um léxico de origem banto, quimbundo principalmente, cujo papel social é, sobretudo, de representá-los como africanos no Brasil.

Em relação aos usos que ainda se fazem de vocabulários africanos no Brasil, a “língua” do Cafundó mostra um aspecto ativo que esses outros usos, em geral muito cerimoniais, não oferecem. A “língua” do Cafundó é utilizada em situações sociais mais ou menos corriqueiras, de forma que o seu emprego independe de um calendário de festas ou comemorações. A pergunta que imediatamente o leitor deverá estar se fazendo é de que modo, com o vocabulário tão limitado, é possível ser efetivamente ativo nessa língua? O que imediatamente sobressai quando se ouve o pessoal do Cafundó falando “africano” é que as estruturas gramaticais que sistematizam o uso do vocabulário, dando-lhe uma certa consistência de emprego, são estruturas tomadas emprestadas do português.

Os quinze verbos que integram o vocabulário são todos morfologicamente marcados pela desinência da primeira conjugação, e são flexionados tanto nas formas normais como nas formas propriamente

verbais segundo o paradigma dessa conjugação. Além disso, onze dos quinze verbos incorporam no seu radical a forma nominal - *cu* - que aparece de modo geral nas línguas da família banto.

Do ponto de vista sintático propriamente dito, esse aportuguesamento se manifesta de várias formas. Transcrevemos abaixo alguns exemplos de frases do Cafundó em que as palavras e os morfemas gritados pertencem ao português:

1. *Vimbundo está cupopiando no injó do tata.*  
O homem preto está falando na casa do pai.
2. *O nhamanhara cuendou para cuçumbar a cupópia.*  
O homem andou para ouvir a conversa.
3. *O cafombe cuendou da ambara para cunuar avero com nhapecava.*  
O homem branco veio da cidade para beber café com leite.

As variações de tempo na “língua” do Cafundó reduzem-se às formas do pretérito perfeito, do presente e do futuro do indicativo. As duas primeiras recebem as marcas morfológicas características do pretérito perfeito e do presente próprias da primeira conjugação. O futuro é expresso através de uma forma perifrástica, formada pelo auxiliar *ir* mais o gerúndio do verbo principal. Outra ocorrência que ainda se verifica no Cafundó é o uso desse esquema para expressar também o presente contínuo. Neste caso, o auxiliar é *estar* e o verbo principal aparece também na forma do gerúndio. As expressões abaixo constituem exemplo desses procedimentos:

4. *Nhamanhara cuendou no ngombe do andarú.*  
O homem foi de carro.
5. *Curimei vavuro.*  
Trabalhei muito.
6. *O médico é o que cuçumba o maiembe.*  
O médico é aquele que receita o remédio.
7. *O delegado fica bravo e cuenda ele pro chitungo.*  
O delegado fica bravo e o leva para a cadeia.
8. *No quilombo que vai cuendar.*  
No dia que vai vir (amanhã).
9. *Hoje eu vou cuçumbar o mambi no orofim.*  
Hoje eu vou passar o machado no mato (cortar lenha).
10. *Angutu está cuendendo mafingue.*  
A mulher está vertendo sangue (menstruada).
11. *Vimbundo está cupopiando na marrupa.*  
O homem preto está falando no sono (está sonhando).

Outras formas parafrásticas também são utilizadas. Assim, o pretérito perfeito do verbo *ir* (auxiliar) mais o infinitivo do verbo principal:

12. *Eu fui cuendar.*  
Eu fui ir (eu fui).
13. *Ele foi cuendar orofim lá no sengue.*  
Ele foi buscar lenha lá no mato.

Uma variação do presente contínuo é aquela em que o verbo auxiliar aparece no imperfeito:

14. *O cumbe já estava cuendando.*  
Osol já estava indo (se pondo).

Quanto à variação de pessoa, as formas verbais em geral aparecem sistematicamente na distinção de primeira e terceira pessoas do singular, estendidas quando necessário para a expressão das demais pessoas. Todos esses fatos, aqui apresentados de maneira puramente exemplificadora, são, quanto às características gramaticais que os distinguem, próprios não apenas da “língua africana” do Cafundó, mas mais genericamente do português falado na região. Nas gravações que fizemos, os dois verbos mais utilizados e com maior abrangência de significações são em primeiro lugar o verbo *cuendar* e, em segundo lugar, o verbo *coçumbar*. As formas perifrásticas com *ir* e *estar* são também muito frequentes.

Apesar do léxico extremamente limitado, o sistema do Cafundó é vivo e produtivo. Do ponto de vista estritamente lexical, observa-se de fato uma constante expansão do vocabulário através do uso de expressões formadas por processos metafóricos e analógicos. Essa expansão se dá em geral através do uso de palavras do léxico africano, que concorrem para a formação de novas expressões cuja estrutura gramatical é, grosso modo, a de nome + preposição + nome. Para expressar um novo significado, parte-se de um nome e particulariza-se, através do genitivo português, gramaticalmente falando, um novo significado.

15. *tenhora da mucanda*  
enxada da escrita (caneta)
16. *cambererá do vava*  
carne da água (peixe)
17. *mutombo do injequê*  
mandioca do saco (amendoim)
18. *injó da marrupa*  
casa do sono (quarto)
19. *ngombe do andarú*  
boi de fogo (carro)
20. *nanga do visó*  
roupa dos olhos (óculos)
21. *injequê do vava*  
saco de água (nuvem)
22. *obiquanga do avero*  
tijolo de leite (queijo)
23. *obiquanga do vava*  
tijolo de água (sabonete)
24. *sanje do téqui*  
frango da noite (morcego)
25. *obiquanga do pepa*  
tijolo de farinha (pão)
26. *obiquanga do ture*  
tijolo de terra (tijolo)
27. *injequê do andarú*  
saco de fogo (panela)
28. *injequê do variar*  
saco de comida (panela)
29. *coçumbador do cupópia*

fazedor de fala (língua)

30. *pepa da cuiipa*  
pó de matar (veneno em pó)

31. *vava do cuiipa*  
água de matar (veneno líquido)

Em outras expressões além do esquema gramatical do português, um dos itens lexicais é também tirado dessa língua como, por exemplo, em:

32. *respeito do ngombe*  
respeito do boi (arame farpado)

33. *chamar no quinamba*  
chamar na perna (levantar e ir embora)

Em (33) aparece a preposição *em*, que é também muito frequente como recurso formador de expressões e de novas significações na “língua africana” do Cafundó. Assim, por exemplo:

34. *tata vavuro no godema*  
homem forte no braço

35. *tata vavuro no orongombi*  
homem forte no dinheiro (rico)

36. *tata nâni no orongombi*  
homem fraco no dinheiro (pobre)

37. *no quilombo que vai cuendar*  
amanhã

38. *no quilombo que já cuendou*  
ontem

39. *nâni de coçumbar no quinamba*  
usar pouco a perna (perto)

Além desse fenômeno de expansão, a limitação do vocabulário está na base de um outro fenômeno característico da “língua africana” que é o da homonímia bastante generalizada. Além dos verbos que têm significação muito variada, principalmente *cuendar* e *coçumbar*, outros itens lexicais apresentam também mais de uma significação, em geral determinada ou pelo contexto mais amplo do uso, ou pelos mecanismos de qualificação dos quais o genitivo é o principal. Assim, *caméria* significa ‘rosto’, ‘lábio’ e ‘boca’; *mutombo* significa ‘mandioca’, ‘cabeça’; *godema* significa ‘braço’, ‘mão’, ‘dedo’ e ‘medida’; *nâni* significa ‘não’, ‘perto’, ‘pouco’, ‘fraco’, ‘magro’, ‘baixo’, ‘quase’, ‘menos’ e, em geral, tudo que é negativo. Por outro lado, *vavuro* significa ‘sim’, ‘longe’, ‘muito’, ‘forte’, ‘gordo’, ‘alto’, ‘mais’ e, em geral, tudo que é positivo. *Nâni* e *vavuro*, além de servirem para reforçar a negação e a afirmação respectivamente, são usados como elementos que exprimem a restrição e a ampliação do que se está dizendo. Assim, na expressão

40. *cumbe nâni do téqui*

que significa ‘lua nova’, o morfema *nâni*, embora invariável quanto ao gênero e ao número, parecendo ser dessa forma advérbio, fun-

ciona como um adjetivo. A tradução literal de (40) seria ‘sol pequeno da noite’; a tradução literal de

**41.** *cumbe vavuro do téqui*

seria ‘sol grande da noite’, isto é, ‘lua cheia’. Outras vezes, através de mecanismos de restrição, como por exemplo em

**42.** *nhamenhara curima nâni*

cujo sentido literal é ‘o homem trabalha pouco’, o que se expressa é uma negação, ou seja, ‘o homem não trabalha’. Para dizer algo de positivo ou de negativo, muitas vezes basta usar *vavuro* ou *nâni* depois de um nome. Em

**43.** *palulé vavuro*

e em

**44.** *palulé nâni*

o sentido é respectivamente ‘sapato bom’ e ‘sapato ruim’. O uso de *vavuro* e de *nâni* permite também fazer uma outra observação sobre a concordância de gênero na “língua” do Cafundó. Já dissemos que *vavuro* e *nâni* mesmo quando usados como adjetivos, são invariáveis. Em muitas expressões há contudo concordância de gênero, concordância esta calcada sobre o gênero da palavra que dá em português o significado da expressão na “língua” do Cafundó. É o que ocorre em *mutombo do injequê, tenhora da mucanda, obiquanga do avero*. Não é o que ocorre em expressões como *sânji do téqui, obiquanga do pepa e injó da marrupa*. Os mecanismos de concordância de gênero tendem a obedecer aos padrões do português, embora o que se possa de fato dizer é que eles são bastante aleatórios e que isto talvez tenha a ver com a confluência de dois tipos diferentes de língua na “língua africana” do Cafundó: uma opera a concordância através de prefixos classificatórios (banto) e a outra através de sufixos de ‘masculino’ e ‘feminino’, com variações de singular e plural (português).

Algumas vezes os processos metafóricos de expressão são mais sofisticados, como por exemplo na expressão

**45.** *o que cuenda vavuro no visó*

o que anda muito nos olhos

que tanto pode se referir a uma região montanhosa como a um dia claro. A metáfora, como se vê, é constituída sobre a possibilidade de se enxergar à distância. Neste sentido, associa elementos de altura e de luz. Figuras por associação de utilidade, de contigüidade, de funcionalidade, de localização, construídas sobre o universo da experiência do meio rural são também comuns. Assim, a palavra *chipoquê* significa ‘feijão’ e a expressão para ‘garganta’ é

**46.** *o que cuenda o chipoquê*

o que anda o feijão (o que engole o feijão).

Neste caso poder-se-ia falar mais apropriadamente de processos metonímicos de expansão do léxico. Sem sombra de dúvida é um processo desse tipo que permite, a partir da palavra *chipoquê* estender o significado de feijão para a palavra *chipocu* e com ela significar ‘ânus’. A explicação de Otávio Caetano, já falecido e líder na época dos Almeida Caetano, para essa palavra descreve a metonímia de que estamos falando. Segundo ele, *chipocu* significa ‘ânus’ porque “ele toma conta do feijão, porque o feijão sai por ali”. Da mesma forma, a palavra *arambuá* significa ‘cão’ e, metonimicamente, ‘rabo’, ou vice-versa. Mas a extensão aqui vai mais longe. Quando perguntamos aos Almeida Caetano como era ‘nádegas’ na “língua”, eles nos disseram a mesma palavra *arambuá*, e Otávio se apressou em dar um exemplo:

**47.** *cuendar o godema no arambuá do camanaco*

andar o braço no traseiro do menino (bater na bunda)

Mais uma vez, Otávio se encarregou de explicitar o mecanismo: “Arambuá é bunda porque é a maneira que um cachorro carrega para trás. Ele carrega para trás, né? Daí fica cachorro. Vavuro assim de bunda, daí tratam ela o cachorrão, quando é grande”.

A sintaxe dessa “língua” procede na maior parte das vezes por simples justaposição de palavras invariáveis. Assim:

**48.** *Nhamanhara nâni de anguto*

homem sem mulher (solteiro)

**49.** *Anguto nâni de nhamanhara*

mulher sem homem (solteira).

Esse procedimento, aliado ao recurso constante a figuras de linguagem como a metáfora e a metonímia, torna muitas vezes difícil acompanhar o que é que os moradores do Cafundó estão dizendo, mesmo quando já se conhece o vocabulário e os mecanismos estruturais de sua expansão. É verdade que em várias ocasiões tivemos a impressão de que, falando entre si, eles também não se compreendiam e o uso da língua parecia ser, nessas ocasiões, um exercício lúdico para divertir o pesquisador ou para que eles se divertissem com o pesquisador. Mas o mais provável é que, dadas as características apontadas para essa língua como homonímia, significações metafóricas, eles mesmos tenham dificuldades de detectar imediatamente as intenções do falante e os contextos que permitiriam descodificar adequadamente o que ele pretende dizer. Sempre se chega a esses contextos, não sem passar por uma grande variedade de circunlóquios que dão a impressão de uma verdadeira ciranda de obséquios e de comportamentos rituais ligados às formas de representação de sua “africanidade” e de sua “brasilidade” pela linguagem.

Carlos Vogt é professor titular de semântica do Departamento de Lingüística, e coordenador do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Unicamp; é presidente da Fapesp e vice-presidente da SBPC.

Peter Fry é professor titular de antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ. Foi também professor de antropologia da Unicamp.

\* Este artigo é uma refusão de parte de capítulos do livro *Cafundó – a África no Brasil*, São Paulo: Companhia das Letras, 1996, de nossa autoria.

#### NOTA

1. O termo “parentela” traduz a expressão e o conceito em inglês *descending kindred*, de acordo com o trabalho de Freeman (1961). Refere-se a um grupo corporativo (*corporate group*), no qual a inclusão dos membros depende, em primeiro lugar, de sua descendência do antepassado fundador (neste caso, Joaquim Congo) e também do fato de seus membros permanecerem moradores nas terras pertencentes ao grupo.

#### BIBLIOGRAFIA CITADA

- Amaral, A. *O dialeto caipira*. 3ª edição. São Paulo: Hucitec, 1976.
- Freeman, D. “The concept of the kindred”. *Journal of the Royal Anthropological Institute*, vol. 91, Londres, 1961.

## LÍNGUAS DE IMIGRANTES

Carmen Zink Bolognini

Maria Onice Payer

**INTRODUÇÃO** Na história brasileira, a representação dos imigrantes, ao lado dos indígenas, dos africanos e do colonizador português, teve um lugar significativo como parte da constituição do povo brasileiro. Nas Ciências Humanas, o tema da imigração foi desde cedo abordado por trabalhos de sociólogos e historiadores, por exemplo. Mas a análise da questão a partir da lingüística, focalizando a diversidade das línguas introduzidas no Brasil pelos imigrantes, não foi considerada até recentemente com a força histórica que teve, capaz de produzir em certos momentos estremecimentos na imagem de unidade da língua nacional brasileira.

Os trabalhos recentemente desenvolvidos sobre a História das Idéias Lingüísticas no Brasil e a Constituição da Língua Nacional e sobre Ética e Política Lingüística, bem como a elaboração da Enciclopédia das Línguas no Brasil (1) vêm interpelando os pesquisadores a discutir a constituição histórica do país por meio da linguagem. Nesse sentido, estudar as línguas através da história, de modo a considerar a relação do português, na sua condição de língua oficial do país, com as outras línguas faladas neste território, enquanto línguas maternas que constituem os sujeitos (Orlandi, 2001) permitirá reler o significado da presença da diversidade de línguas no Brasil a partir do fenômeno migratório.

Apresentaremos, neste artigo, dados referentes a algumas línguas de imigrantes e exporemos temas relacionados ao modo de presença e de ensino destas línguas na constituição histórica do sujeito brasileiro. Discutiremos também questões relativas à relação entre língua materna, língua estrangeira e língua nacional, no âmbito dessa história e do ensino de línguas. Como o sujeito e o sentido se constituem simultaneamente, pela língua (Orlandi, 2001), essas relações são significativas para o brasileiro. Pois, a língua oficial determina a relação que os sujeitos têm com o país, no caso, o Brasil (Guimarães, 2004).

Falamos em estremecimento na imagem de unidade da língua nacional, na medida em que há um imaginário de unidade, sócio-historicamente construído, que sobrepõe as imagens de língua oficial, língua nacional e língua materna. Desde a constituição de 1988, o português é enunciado como “a língua oficial do Brasil”, como nota Guimarães (1996). Para o autor, esta formulação reconhece a existência de outras línguas, faladas por outros grupos, como os indígenas, por exemplo. O que não quer dizer que não houvesse em funcionamento a presença de uma língua nacional. E, sendo assim, há de se considerar a possibilidade da não-confluência entre língua oficial e língua materna no Brasil. No caso específico da imigração, a distância entre elas é ainda mais flagrante. E essa distância é constitutiva do Brasil e do brasileiro, como veremos a seguir.